

***La La Land* em Azul e Vermelho: uma análise do uso e da influência das cores no cinema¹**

Beatriz Bernardo Santiago NASCIMENTO²

Lucas Bruno de Moraes SALES³

Pedro Felinto de Sousa Rocha CAVALCANTE⁴

Tarcísio Bezerra MARTINS FILHO⁵

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar o uso das cores no filme *La La Land*. Para tal, tomaram-se como principais referências a teoria cromática de Wassily Kandinsky, as considerações de Eva Heller sobre a influência das cores no psicológico humano, o olhar de Iluska Coutinho para a análise de imagens cinematográficas e os estudos de Patti Bellantoni acerca da utilização das cores no universo do cinema. As matizes escolhidas como foco para esse estudo foram o azul e o vermelho, e a análise realizada observou que essas cores contrastam fortemente ao longo do filme, influenciando na compreensão do espectador a respeito da obra como um todo, bem como possibilitou inferir que o uso combinado delas produz o roxo, a cor mais utilizada ao nos materiais de divulgação do longa e, portanto, mais associada ao mesmo pelo público geral.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Cor. Psicodinâmica Cromática. *La La Land*. Cinema.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido na disciplina Teoria da Cor, ministrada pelo professor Tarcísio Bezerra na Universidade de Fortaleza (Unifor) durante o primeiro semestre de 2019, e possui como objeto de pesquisa o filme *La La Land*, dirigido pelo cineasta norte-americano Damien Chazelle e lançado nos cinemas em dezembro de 2016. Trata-se de uma película dos gêneros romance, comédia e musical,

¹ Trabalho apresentado na IJ08 - Estudos Interdisciplinares de Comunicação, da Intercom Jr - XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, e-mail: beatrizbersn@edu.unifor.br

³ Estudante do curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, e-mail: lucasbrunosales@edu.unifor.br

⁴ Estudante do curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, e-mail: pedrofelinto@edu.unifor.br

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, e-mail:

tarcisio.bezerra@unifor.br

cujo enredo segue uma aspirante a atriz, interpretada por Emma Stone, e um músico amante de jazz, interpretado por Ryan Gosling, que se conhecem por acaso na cidade de Los Angeles e se apaixonam enquanto lutam para realizar seus sonhos pessoais e profissionais. O filme foi um grande sucesso de bilheteria e crítica, e um dos principais aspectos dessa aclamação foi o uso das cores como elemento essencial para a construção cinematográfica da película, tendo a mesma recebido diversos prêmios que reforçam o seu reconhecimento nesse quesito, dentre eles o Oscar de Melhor Direção de Arte e de Melhor Fotografia.

Para o desenvolvimento da pesquisa, partimos da perspectiva de Coutinho (2008), que aponta que a imagem, no âmbito da comunicação, pode ser estudada enquanto narrativa, enfoque esse que considera as suas implicações como linguagem e ilustração em registros não-verbais. Sobre isso, ela comenta (2008, p. 330): “Interessa à Análise da Imagem compreender as mensagens visuais como produtos comunicacionais, especialmente aquelas inseridas em meios de comunicação em massa.” A autora aponta ainda que há uma predominância, nessa linha de estudos, da imagem em movimento, seja ela televisiva ou cinematográfica. Assim, para os fins deste trabalho, consideramos a cor como a imagem a ser analisada no filme.

Decidimos, então, investigar o papel que a paleta cromática utilizada na composição de um longa-metragem desempenha no tocante à ambientação da obra (cenário, temática, linha temporal, etc.) e ao próprio desenvolvimento dos personagens e do enredo. Reforçando o que afirma Bellantoni (2005, p. 26): “Alguns filmes usam a transformação de uma cor, ou o seu fluxo, para apoiar a evolução dos personagens e da história durante todo o longa-metragem. Outros têm uma cena brilhante que capta o papel de uma cor na definição de um personagem ou na expansão da história.”⁶ Logo, foi pensado que uma análise com foco na utilização de cores específicas ao longo da mesma produção audiovisual poderia abrir um novo caminho para interpretar a relação

⁶ Tradução livre. Trecho original: “Some films use a color’s transformation, or its flow, to support the evolution of the characters and story throughout the movie. Others have one brilliant scene that captures a color’s role in defining a character or expanding the story”.

entre os significados psicodinâmicos dessas cores com as respectivas cenas e personagens apresentados. Sobre isso, Bellantoni esclarece:

Há momentos em que ouço um cineasta dizer: “A cor pode ser o que você quiser”. Minha experiência me diz que esse é um equívoco perigoso [...] Depois de duas décadas de investigação sobre como a cor afeta o comportamento, estou convencida, quer queiramos ou não, que é a cor que pode determinar como pensamos e o que sentimos.⁷ (BELLANTONI, 2005, p. 27)

Ademais, a escolha da teoria cromática elaborada pelo artista plástico Wassily Kandinsky como referencial teórico permite uma percepção mais completa acerca do tema, pois as observações contidas nesta se baseiam não apenas nas propriedades físicas e materiais das cores, mas na capacidade dessas de agirem como estímulos psicológicos através de experiências sinestésicas. Assim, é possível traçar um paralelo entre as considerações de Kandinsky, que, como diz Barros (2005, p. 163) acreditava que a cor era “um meio para se exercer influência direta sobre a alma”, e a utilização das cores no contexto cinematográfico, ou seja, entender a cor como ferramenta que introduz diferentes significados à obra audiovisual e que ajuda a conduzir e a manipular a percepção e a interpretação do público em relação ao produto final.

2 METODOLOGIA

A imagem cinética, presente na televisão, cinema e vídeo, possui características diferenciadas da imagem estática devido à noção de movimento. Coutinho (2008) traz a avaliação de Tânia Clemente de Souza, que afirma que, no contexto cinematográfico, a imagem seria mais do que cenário, e sim integralmente uma forma de linguagem. Visto que estamos analisando a cor enquanto imagem e a sua utilização em um produto audiovisual, faz-se necessário considerar os significados transmitidos em consonância com a história que está sendo contada. A autora clarifica:

⁷ Tradução livre. Trecho original: “There are times when I hear a filmmaker say, “Color can be whatever you want it to be.” My experience tells me this is a dangerous misconception [...] After two decades of investigation into how color affects behavior, I am convinced, whether we want it to or not, that it is color that can determine how we think and what we feel.”

A análise da linguagem visual nos meios de comunicação audiovisuais deve levar em conta [...] o conhecimento e a compreensão das características discursivas da grande narrativa em que aquele registro visual se insere. Desta forma, ao atribuir sentido a dada imagem, e interpretá-la à luz das questões de pesquisa que orientam o projeto, é preciso considerar sua adequação ao estilo de linguagem do programa, filme ou categoria videográfica por meio da qual aquela mensagem visual é experimentada ou consumida. (COUTINHO, 2008, p. 343)

Em fase preliminar da pesquisa, partiu-se da hipótese que o roxo teria sido a cor mais utilizada ao longo do filme. Essa hipótese se deu pela observação da equipe de que o roxo é a cor predominante no material de divulgação do longa (peças gráficas, trailers, etc.), seja como parte do cenário, figurino ou demais elementos compositivos. Contudo, seguindo os procedimentos de análise fílmica, ao rever o filme, foi possível perceber a predominância não do roxo em si, mas das cores azul e vermelho, cuja síntese (cor-luz) forma a cor roxo.



Figura 1 - Paleta de cores do filme La La Land criada pelo site The Colors of Motion.

Para possibilitar uma análise das cores presentes no decorrer da película, utilizou-se o site “The Colors of Motion”⁸, que disponibiliza uma paleta de cores feita a partir de diversas cenas do filme em ordem cronológica, o que nos oferece um olhar sistêmico e, ao mesmo tempo, detalhado sobre a presença de certos matizes em

⁸ <https://thecolorsofmotion.com/detail/la-la-land-2016>

momentos específicos do longa-metragem. Cada frame de um segundo do filme é sintetizado, e então a cor predominante é escolhida para representar o frame em questão.

Portanto, o método aqui sugerido busca apresentar um novo caminho a ser explorado nos estudos referentes a cores no cinema, pois propõe uma análise individual e minuciosa que poderá gerar resultados diferentes para cada matiz e cada filme selecionados, e que por sua vez poderão ser complementares no desenvolvimento de demais estudos e questionamentos futuros.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A teoria de Kandinsky e sua relação com o filme

O roxo é a mistura do vermelho com o azul. Isso serve como ponto de partida para as relações que podem ser apresentadas com a teoria de Kandinsky, a qual apresentava um círculo cromático bastante incomum, no qual as três cores básicas eram exatamente o vermelho, o azul e o amarelo. Entre as principais hipóteses de Kandinsky está a da oposição amarelo *versus* azul. Como explica Miller (2006), para Kandinsky, o amarelo representa o material, o excêntrico e o explosivo, gerando uma sensação de proximidade com o espectador, e é de onde derivam todas as cores quentes. Já o azul representa o espiritual, o evasivo e o retraído, gerando uma sensação de distância com o espectador, e é de onde derivam todas as cores frias. O roxo, portanto, recebe influência de ambos os pólos: quente e frio, material e espiritual. Inclusive, Bellantoni (2005, p. 15) aponta que a Pantone⁹ descreve o roxo como “uma mistura da excitação do vermelho com a tranquilidade do azul”.

Em *La La Land*, o roxo se faz presente para representar utopia e romance. De maneira geral, é a cor usada para abordar o desenvolvimento da relação amorosa entre os dois protagonistas, e muitas vezes aparece em algum aspecto não-natural, ou seja: a cor foi manipulada para fazer parte da composição da cena, como no céu, sua utilização mais notável. Sendo assim, o roxo pode ser pensado como a representação de um relacionamento perfeito, aquele que é desejável, mas não existe. Por outro lado, é interessante notar que mais presente do que o roxo em si são as duas cores que o

⁹ Empresa norte-americana mundialmente conhecida por seu sistema de cores, largamente utilizado na indústria gráfica.

compõem: tanto o azul quanto o vermelho possuem simbolismos muito claros e fortes em diversos momentos do filme.

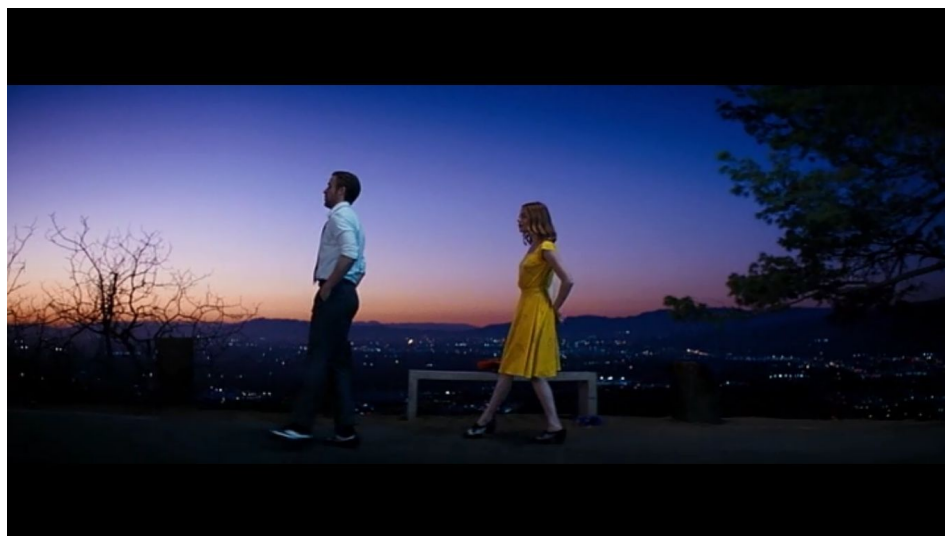


Figura 2 - Cena do filme que serviu de base para o material de divulgação, e onde é possível ver o uso da cor roxo.

De acordo com Costa (2016), o processo de inserção das cores em filmes foi gradativo, pois consistia em um recurso que confrontava a noção de cinema realista, predominante no mercado. Sobre isso, a autora afirma:

Diante do problema apontado - de que o uso exagerado da cor poderia produzir um efeito de ruptura na percepção, e consequentemente distrair a audiência dos elementos essenciais à narrativa - a cor então passou a ser considerada, por uns, como elemento não ajustável à narrativa realista. (COSTA, 2016, p. 132)

Considerando que *La La Land* é um filme que presta homenagem à era de ouro do cinema e possui muitas cenas que se passam em uma atmosfera fantasiosa, faz sentido que ele se utilize do poder das cores para enriquecer o seu universo visual. Costa (2016, p. 133) reforça que “a cor, para alguns cineastas, era um elemento capaz de exprimir o fantástico, o não real, de representar o mundo dos sonhos” mas que, com o tempo, “os cineastas passaram a aceitar esta dissociação da cor com o realismo e passaram a explorá-la de maneira até mais criativa, [...] através do qual poderiam obter uma linguagem narracional diferente”. Desse modo, pode-se pensar que o azul, em *La*

La Land, representa a vida de sucesso em Hollywood, o sonho de criatividade e liberdade que cerca os protagonistas, pelo qual eles se sentem atraídos e almejam alcançar. Já o vermelho representa a ameaça da realidade bruta, os conflitos iminentes que distanciam os personagens de seus objetivos. No decorrer do longa, vemos o azul e o vermelho sempre marcando presença na dinâmica das cenas e dos personagens, porém não há, em praticamente nenhum momento, um real equilíbrio entre essas duas cores, exceto quando o romance dos protagonistas é abordado de forma utópica ou fantasiosa, o que reflete a direção que o enredo, eventualmente, toma.

3.2 A Psicologia do Azul e do Vermelho

Sendo as duas cores que mais se destacam durante os 128 minutos de duração do filme, o azul e o vermelho trazem para o enredo de *La La Land* um grande conjunto de significados. A socióloga Eva Heller (2000, p. 23) afirma que “não existe cor destituída de significado. A impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos”. Isto é, os simbolismos gerados por tais cores durante um filme só adquirem um significado específico ou especial quando colocados no contexto do filme, no caso, o enredo.

Heller (2000) também traz o conceito de acorde cromático, definido originalmente por Kandinsky na primeira metade do século XX. Esse conceito defende que uma mesma cor pode abranger diversos significados, inclusive opostos, como o vermelho que pode significar tanto o nobre quanto o vulgar. O que diferencia um vermelho vulgar de um vermelho nobre são suas interações com as demais cores. Afinal, uma cor em seu contexto maior quase sempre está relacionada a outra cor. Esse tipo de relação é chamada de acorde cromático, que, em outras palavras, seria a união de cores que acabam por representar algo, como o uso do azul com o laranja que tem um efeito no observador diferente do produzido pela união entre o azul e verde, mudando assim toda a sensação que emana da cor principal. Dessa forma, um acorde cromático nada mais é do que o significado final da interação entre duas ou mais cores.

Heller (2000) afirma que o azul é a cor preferida entre todas as cores, devido a ser a cor mais associada a características e a sentimentos bons que fogem da influência

da paixão, como a amizade e a confiança. Além disso, o azul também é considerado a cor mais divina, a cor de todas as ideias cuja realização se encontram distantes. Também é a cor mais fria de todas, fato que baseia-se em propriedades da natureza e do corpo humano, pois quando estamos com frio nossa pele adquire uma coloração azulada, além de que o gelo e a neve possuem uma cintilância também azulada. Ainda segundo Heller (2000), o azul é a cor mais associada à diversão e à descontração. Já Bellantoni (2005, p. 82) complementa: “O azul pode ser um lago tranqüilo ou um cobertor macio de tristeza. É quieto e distante. Ano após ano, nossas investigações de cores mostram que, em um ambiente azul, as pessoas se tornam passivas e introspectivas. É uma cor para pensar, mas não para agir.”¹⁰

Já o vermelho, ainda segundo Heller (2000), foi a primeira cor batizada pelo homem e é a cor das paixões, boas ou más. De acordo com o acorde cromático, é a cor mais associada aos sentimentos de amor e também de ódio, além de representar força, coragem, calor e energia, possuindo um caráter atrativo. Fazendo um vínculo com todas as outras características anteriores, o vermelho é tida como a cor da extroversão, que sempre se destaca em relação a outras, principalmente ao azul ou ao verde. É a cor da agressividade e da ira, e conseqüentemente, do perigo. Sobre a habilidade do vermelho de invocar fortes emoções e como isso pode ser refletido na comunicação visual de um filme, Bellantoni comenta:

Vermelho vivo é como uma cafeína visual. Pode ativar sua libido, ou torná-lo agressivo, ansioso ou compulsivo. De fato, o vermelho pode ativar quaisquer paixões latentes que você possa trazer para a mesa ou para o filme. Vermelho é poder. Mas o vermelho não vem com um imperativo moral. Dependendo das necessidades da história, o vermelho pode dar poder a um cara bom ou a um cara mau.¹¹ (BELLANTONI, 2005, p. 35).

¹⁰ Tradução livre. Trecho original: “Blue can be a tranquil pond or a soft blanket of sadness. It is quiet and aloof. Year after year, our color investigations show that in a blue environment, people become passive and introspective. It’s a color to think to, but not to act.”

¹¹ Tradução livre. Trecho original: Bright red is like visual caffeine. It can activate your libido, or make you aggressive, anxious, or compulsive. In fact, red can activate whatever latent passions you might bring to the table, or to the movie. Red is power. But red doesn’t come with a moral imperative. Depending on the story’s needs, red can give power to a good guy or a bad guy.”

Tendo isso em vista, para falarmos da interação entre o azul e o vermelho, é necessário primeiro entendermos o conceito de cores psicologicamente opostas. Como afirma Heller (2000), é preciso saber que “a ação das cores sobre o sentimento e a razão não corresponde aos comportamentos técnicos que as cores têm entre si”, ou seja, cores complementares como o azul e o laranja nem sempre são tão contrastantes quanto cores psicologicamente opostas, como o azul e o vermelho. Isso acontece pois as cores psicologicamente opostas geram interações que levam as sensações e o entendimento comum do observador como base. Sendo assim, quando observados o azul e o vermelho, a sensação é de uma discrepância máxima.

3.3 O Azul e o Vermelho na composição de cenas do filme

A seguir, são expostas análises de determinadas cenas do filme que ilustram os conceitos de teoria da cor explorados até aqui, estabelecendo uma relação entre a presença das cores azul e vermelho na composição dos *frames* apresentados e o significado que elas expressam na condução do enredo e na transmissão dos temas e das mensagens contidos nele. A escolha das cenas foi feita de maneira arbitrária e não aleatória, contudo, iconograficamente representativa, e elas estão dispostas seguindo a ordem cronológica do filme, de modo a oferecer uma maior compreensão do funcionamento da metodologia proposta.



Figura 3 - Comparação de frames do filme

Na cena retratada acima, vemos a personagem Mia (Emma Stone) em uma audição para conseguir um papel como atriz. No primeiro momento (figura 3, esq.), a

ambientação da cena é dominada pela cor azul, desde o figurino até o cenário e a iluminação do local. Aqui, o azul representa o sonho de Mia: é isso o que ela quer e batalhou tanto para conseguir, e ela está confiante que será bem sucedida. Logo depois, porém, quando ela é dispensada da sala (figura 3, dir.), acompanhamos a transição da cena para um corredor onde cor predominante é o vermelho. Essa mudança cromática contextualiza e acompanha a mudança abrupta do enredo: o vermelho simboliza Mia tendo que lidar com a realidade de ser rejeitada outra vez.



Figura 4 - Comparação de frames do filme

Já nessa outra cena (figura 4, esq.), Mia está em uma festa e se esconde no banheiro para fugir do barulho e da agitação. O cenário ao seu redor é totalmente vermelho, de modo a representar a aflição que ela sente por estar “presa” naquele ambiente. Em contrapartida, o vestido que a personagem está usando é azul, o que estabelece um contraste claro: ela não pertence àquele lugar, pois ela é uma sonhadora e fica facilmente intimidada e desconfortável com a realidade dura do *showbiz*. Mais uma vez, as cores ecoam o enredo (figura 4, dir.): Mia tem o sonho de se encaixar e ser uma estrela (azul), mas detesta o que ela precisa enfrentar para conquistar esse objetivo (vermelho).

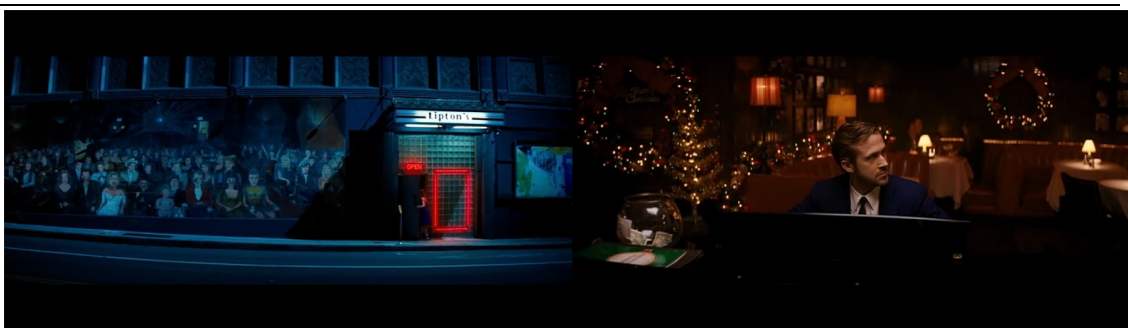


Figura 5 - Comparação de frames do filme

Na cena seguinte (figura 5, esq.), Mia está caminhando sozinha pelas ruas à noite após a festa não ter acabado da maneira que ela imaginava. Frustrada, ela perambula por uma Los Angeles azul, pois a cidade inteira é a representação dos sonhos que ela tanto persegue. No entanto, um detalhe chama a nossa atenção: uma porta iluminada de vermelho. Novamente, o vermelho é usado em oposição ao azul para representar uma mudança de realidade, pois é do outro lado dessa porta que Mia encontra Sebastian (Ryan Gosling) pela primeira vez, sendo levada para longe do seu imaginário. Não surpreendentemente, quando Mia atravessa a porta, a ambientação da cena muda para vermelho, e a única pessoa também vestida de azul é Sebastian (figura 5, dir.).

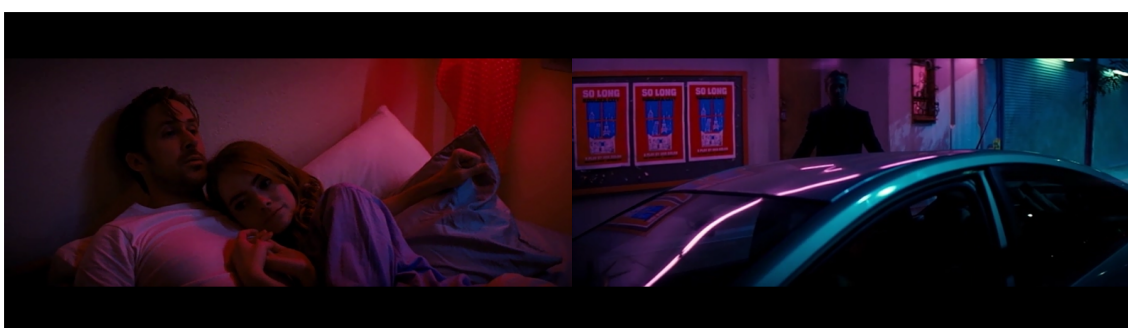


Figura 6 - Comparação de frames do filme

Um pouco mais adiante, vemos a cena acima (figura 6, esq.), que se dá quando o relacionamento amoroso entre os protagonistas já se encontra bem estabelecido. Nesse momento de intimidade, o apartamento está banhado de luzes azuis e vermelhas,

adquirindo uma coloração arroxeadada. Porém, o azul e o vermelho parecem não se misturar, e isso reflete o tema retratado nesse ponto do enredo: que, apesar de estarem vivendo um romance aparentemente perfeito, Mia e Sebastian não conseguem entrar em sintonia em relação à suas ideias e perspectivas de futuro, e por isso continuam distantes apesar de estarem próximos. A ilusão visual do roxo nos faz acreditar erroneamente nesse amor e em um final feliz para os personagens, mas a separação do azul e do vermelho acrescenta um tom de suspeita à cena. Essa mesma técnica se repete mais tarde, na cena em que o casal tem uma discussão na saída do teatro, e que acaba levando ao término amargo do relacionamento (figura 6, dir.).

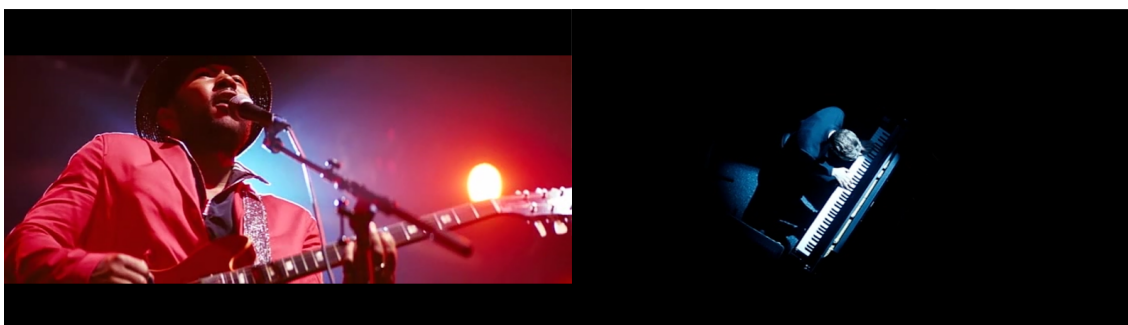


Figura 7 - Comparação de frames do filme

Nessa outra cena, presenciamos pela primeira vez um show da banda que Sebastian agora faz parte. É de conhecimento do espectador que Sebastian se juntou à banda pela oportunidade de um emprego fixo, mas que isso lhe custou deixar de lado o sonho de abrir o seu próprio clube de jazz. Aqui, essa exata situação é ilustrada pela oposição das cores: enquanto os demais integrantes da banda são retratados em um forte tom de vermelho (figura 7, esq.), Sebastian é o único vestido e acobertado por uma fria luz azul (figura 7, dir.), o que mostra-o como isolado do mundo ao seu redor, reforçando que ele ainda questiona se fez a escolha certa em desistir do seu sonho.

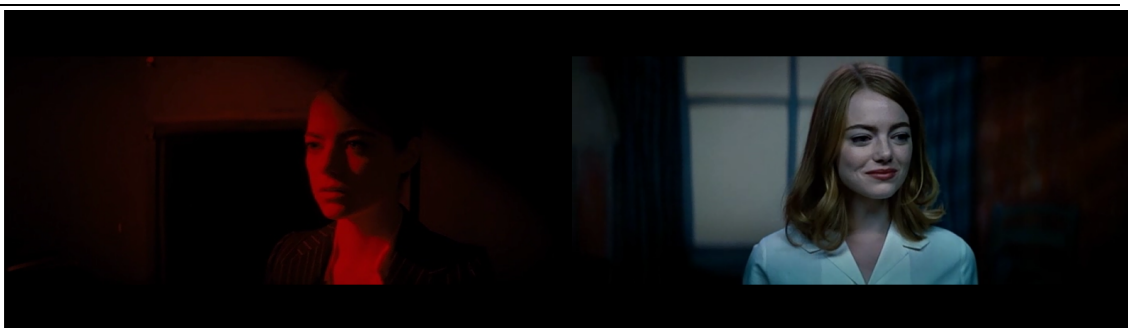


Figura 8 - Comparação de frames do filme

Por outro lado, temos a cena acima, em que Mia apresenta a sua peça autoral. Primeiramente, quando ela está prestes a entrar no palco, as luzes são vermelhas (figura 8, esq.), o que contribui para gerar uma atmosfera de tensão, ecoando o sentimento da personagem de medo da recepção do público. Depois, quando ela está fazendo os agradecimentos finais, as luzes do palco estão azuis (figura 8, dir.). Visto que o azul é uma cor fria, ela entra em contraste direto com o vermelho, que é uma cor quente, criando uma sensação de “fraqueza” e “solidão” que se intensifica quando vemos a plateia vazia. Ainda assim, por já ter sido estabelecido durante todo o filme que o azul representa os sonhos e o vermelho, a realidade, o fato da cena em questão terminar em azul também traz um significado de esperança: que, apesar de tudo, aquele é o grande sonho de Mia, e ela irá lutar por ele de uma maneira ou de outra.

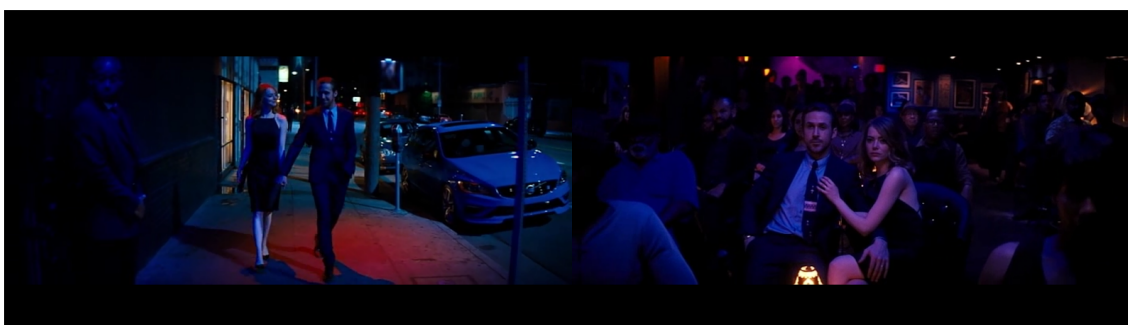


Figura 9 - Comparação de frames do filme

Por fim, chegamos à montagem final do filme, durante a qual encontramos inúmeras representações do vermelho e do azul resgatadas de cenas anteriores. Uma das mais interessantes, no entanto, está nos *frames* que mostram Mia e Sebastian

caminhando juntos em direção ao bar, nos quais a maioria da composição é tomada pelo azul, mas mesmo assim não deixamos de ver respingos de vermelho “atrapalhando” a perfeição do momento (figura 9, esq.). A cena nada mais é do que uma fantasia, um sonho, por isso há a presença exuberante do azul e até mesmo do roxo (figura 9, dir.), mas a tensão é criada pelo vermelho puro que anuncia a realidade, o inevitável, quase como um intruso.

4 CONSIDERAÇÕES

Como avanço, este trabalho propôs um caminho diferenciado para a análise de imagens, levando em consideração a decomposição de cores a partir de um círculo cromático e tendo em vista não só uma cor em si, mas as suas matizes derivadoras. Essa perspectiva nos permite compreender as relações das cores primárias em um ambiente onde ressalta-se o uso das cores secundárias.

Quantitativamente, as cores azul e vermelho são as mais presentes no filme, mas sabemos que as escolhas cromáticas passam necessariamente pelas intenções narrativas dos realizadores. Em *La La Land*, azul e vermelho tendem a aparecer em situações opostas de acordo com o que o enredo busca transmitir. O azul figura em cenas mais calmas, onde os personagens podem se expressar com autenticidade, e é referente aos desejos e sonhos dos mesmos. Já o vermelho representa as emoções conturbadas, a força caótica da cidade o prenúncio de que a vida real é arriscada e sempre irá tentar tirar-lhes a esperança. Além disso, podemos compreender que a combinação do azul e o do vermelho nas cenas deram à película um tom arroxeadado, uma “sensação cromática”, conforme definido a partir de Heller (2000) relacionada à fantasia e ao sobrenatural. O roxo, no filme, geralmente aparece para designar momentos utópicos, nos quais o enredo apenas aparenta estar indo na direção desejada. É possível que a escolha do roxo como cor principal para compor o material de divulgação do longa-metragem tenha sido decorrente desse efeito, pois serve para retratar a história como um romance e dar à ela um ar mágico.

Outro aspecto que merece destaque diz respeito às escolhas bibliográficas que embasam a análise aqui proposta. Celebramos a teoria de Kandinsky como fonte de um

entendimento complexo e singular das relações entre matizes e dos possíveis simbolismos que surgem a partir dessas interações, bem como pudemos investigar as aplicações dessa teoria em um contexto contemporâneo e relevante no campo da comunicação, averiguando como a tecnologia do cinema pode se aproveitar dos efeitos psicodinâmicos das cores em suas narrativas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Lilian Ried Miller. **A Cor no Processo Criativo**: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe. São Paulo: Senac, 2006.

BELLANTONI, Patti. **If It's Purple, Someone's Gonna Die**: the power of color in visual storytelling. Oxford: Focal Press, 2005.

COUTINHO, Iluska. **Leitura e Análise da Imagem**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz Da. **A Cor no Cinema**: signos da linguagem. Natal-RN: Revista Cronos, v. 1, n. 2, p. 129-138, publicado em 29/11/2016.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: GG Brasil, 2012.

LA La Land: Cantando Estações. Direção: Damien Chazelle. Produção: Fred Berger, Gary Gilbert, Jordan Horowitz, Marc Platt. Estados Unidos: Summit Entertainment, 2016. DVD (128 min).